



INTERFACES COMUNICACIONAIS: enfoques sobre a comunicação por campos vizinhos¹

COMMUNICATIONAL INTERFACES: Approaches to Communication by Neighboring Fields

Tiago Barcelos Pereira Salgado²
Maria Ângela Mattos³

Resumo: O artigo investiga as interfaces entre a Comunicação e quatro campos vizinhos das Ciências Humanas e Sociais: Antropologia, Psicologia, Política e Sociologia. O objetivo é verificar como tais campos enfocam o termo “comunicação” e suscitar problemas de pesquisa e questões que discutam e aprofundem o caráter interdisciplinar das diversas ciências. Por meio de pesquisa exploratória na base de dados Scielo para os anos de 2013 e 2023, encontrou 54 artigos que mencionam a palavra “comunicação”, com apenas 19 referenciados em autorias da Comunicação. Em conclusão, identifica a relevância da comunicação para as áreas vizinhas e a necessidade de aprofundamento interdisciplinar para evitar a dispersão.

Palavras-Chave: Comunicação. Interdisciplinaridade. Interfaces comunicacionais.

Abstract: The article investigates the interfaces between Communication and four neighboring fields of Human and Social Sciences: Anthropology, Psychology, Politics, and Sociology. The objective is to verify how these fields focus on the communication issues and to generate research problems and questions that discuss and deepen the interdisciplinary character of the various sciences. Through exploratory research in the SciELO database for the years 2013 to 2023, it found 54 articles that mention the word “communication”, with only 19 referenced in Communication authorships. In conclusion, it identifies the relevance of communication to neighboring areas and the need for interdisciplinary depth to avoid dispersion.

Keywords: Communication. Communicational interfaces. Interdisciplinarity.

1. Introdução

O trabalho da Comunicação é um trabalho de interfaces e com interfaces. A condição de campo em construção e consolidação como disciplina acadêmica (Braga, 2004) pode ser observada pelos diversos eventos da área, com múltiplos grupos de trabalho (GTs), bem como

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Pesquisa (IDP, Brasília, DF). Doutor em Comunicação (UFMG). Líder do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (CCI, CNPq), tigubarcelos@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação (UFRJ). Vice-líder do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces (CCI, CNPq), mattos.marla.angela@gmail.com.

pelos variados Programas de Pós-Graduação. Os cursos traçam interfaces com diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Humanas e Sociais (CHS), tendo a humanidade como ponto de passagem obrigatório (Martino, 2001; Braga, 2004, 2011).

Entre as CHS de interface, destacam-se Antropologia, Psicologia, Sociologia e Ciência Política (Braga, 2011), cada uma com suas próprias perspectivas, métodos e abordagens, ainda que interdisciplinares. Esses campos têm produzido “teorias precursoras” (Braga, 2022), que problematizam tangencialmente a comunicação. Em vista disso, investigamos o tratamento conferido à comunicação por tais áreas das CHS. Isso pode produzir problemas que aprofundem o caráter interdisciplinar das diversas ciências e, especificamente, como a Comunicação trata o conceito de “comunicação”, quer pelo olhar interno da própria área (endogenia), quer pelo enfoque dado pelos campos vizinhos à mesma noção, e posteriormente incorporada à Comunicação (Signates, 2015).

Malgrado a tangencialidade, a Comunicação importou contribuições de campos vizinhos, reproduzindo um cânone hegemônico, um “paradigma dominante” de “teorias da comunicação” (Torrico, 2019), que seriam muito mais “teorias sobre a comunicação” (Martino, 2017). Como perpetuado por W. Schramm e B. Berelson, tais teorias teriam sido elaboradas pelos “pais fundadores” (H. Lasswell, P. Lazarsfeld, C. Hovland e K. Lewin), advindos das áreas Sociologia, Ciência Política e Psicologia (Varão, 2010; Salgado; Oliveira, 2022).

O que diferenciaria a Comunicação seria uma angulação própria. Conforme Braga (2004), Adriana Braga (2016), França e Simões (2016), a angulação comunicacional tenderia a se direcionar para os processos e as interações simbólicas, não exclusivamente midiáticos, ou para os processos midiáticos e midiatizados. Para realizar ambas as abordagens, a Comunicação recorre, interdisciplinarmente, aos campos vizinhos. Com efeito, todos os campos praticam a interdisciplinaridade (Braga, (2004, 2011)). O que diferencia a Comunicação, a nosso ver, é a angulação atribuída por cada área de concentração, linha de pesquisa e pesquisadores, com acionamentos variados a métodos, conceitos, teorias e autorias referenciadas.

A abrangência de objetos empíricos e teóricos, operadores e categorias analíticas, bem como os acionamentos mencionados tendem a levar à dispersão, justificada, muitas vezes, por se considerar que o campo comunicacional está em construção e “qualquer coisa serve”. A dispersão igualmente seria justificada pela interdisciplinaridade (Braga, 2015), de modo que a dispersão ainda permanece nas investigações comunicacionais, em menor grau, sem que haja

consenso sobre o que é comunicação. Nossa hipótese é de que essa dispersão impacta também o enfoque da comunicação por campos vizinhos.

Como trabalho de interfaces, o esforço da Comunicação implica evitar a dispersão em meio à diversidade, sem reduzir esta última. Para tanto, é necessário desentranhar o comunicacional (Braga, 2004), isto é, verificar nas contribuições de campos vizinhos qual é a angulação conferida ao conceito, ao termo, ao operador ou à categoria analítica apropriados por nosso campo e por nossas pesquisas, reconhecendo suas limitações. Isso implica reconhecer que o fenômeno comunicacional, se por elas tratado, manifesta-se como pano de fundo de outras problemáticas dos próprios campos, muitas vezes como contextualização de um cenário de investigação de outro fenômeno manifesto ou como empiria que dar a ver tal fenômeno – a comunicação como epifenômeno (Braga, 2015).

Logo, o trabalho de interface busca pelos enfoques comunicacionais, pelos “espaços de interdisciplinaridade entre o ângulo propriamente comunicacional e os diversos ângulos de preocupação e busca das diversas disciplinas humanas e sociais” (Braga, 2011, p. 73). Ao se referir à interdisciplinaridade, Braga (2011) destaca a metáfora da encruzilhada utilizada por W. Schramm para caracterizar o fato de os outros campos terem algo a dizer sobre a comunicação e dela se apropriarem para trocarem seus pontos de vista sem, contudo, a ela se aterem.

Os campos vizinhos, muitas vezes, falam em vão sobre o termo “comunicação”, meramente o mencionando, sem problematizá-lo. Cabe à Comunicação indagar se não seria seu labor não empregar a comunicação em vão, tornando-a uma mera coadjuvante das pesquisas e um trampolim para outras problemáticas e problematizações de interesse grupal (grupos de pesquisa, PPGs, GTs) e individual, particular, subjetivo (preferências, afinidades, escolhas), ou mesmo suprimi-la, enquanto problemática, das investigações.

Em vista disso, o trabalho de interface também diz respeito a investigar como os campos vizinhos enfocam a comunicação, seja como fenômeno mais amplo de interações simbólicas ou como manifestação empírica – midiática e/ou midiatizada. Para tanto, este texto apresenta uma pesquisa inicial, de caráter exploratório sobre como o termo “comunicação” é tratado por quatro áreas das CHS, e objetiva mapear inicialmente, como primeira testagem, quais são as interfaces estabelecidas entre campos vizinhos e a Comunicação, priorizando os modos como publicações científicas alhures referenciam publicações em Comunicação. Interessa inquirir de

quais maneiras a comunicação tratada pela Comunicação é importada e enfocada pelas demais CHS.

2. Encruzilhadas comunicacionais

Em setembro de 2024, coletamos manualmente artigos científicos de revistas acadêmicas de Antropologia, Política, Psicologia e Sociologia para verificar como e em que medida essas áreas citam autores da Comunicação e deles se apropriam para problematizar ou empregar o termo “comunicação”. A busca por esse termo foi feita na base SciELO (*Scientific Electronic Library Online*)⁴, a maior biblioteca digital de ciências da América Latina, cujo objetivo é democratizar tanto o acesso a artigos científicos quanto a publicação dos mesmos.

Para fins de busca, digitamos a palavra “comunicação” entre aspas no campo de busca e selecionamos o índice “Resumo”. A escolha pela referida palavra se deve ao entendimento de que o principal conceito utilizado na Comunicação é a própria palavra “comunicação”, ainda que esta possa estar atrelada a outras expressões que também se fizeram presentes no *corpus* desta pesquisa (as interfaces possíveis), tais como: meios de comunicação, veículos de comunicação, Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Reconhecemos, ainda, que outras nomenclaturas são recorrentes na Comunicação, como midiatização, meios, mídias, tecnologias, redes sociais, plataformas, representações, dispositivo, linguagem, vínculo social, interações sociais, simbólico, recepção, entre outras (Salgado; Mattos, 2022; Salgado; Mattos; Silva, 2022). A seleção do índice “Resumo” se deve ao entendimento de que essa seção deve evidenciar a abordagem teórico-epistemológica, empírica e metodológica da pesquisa, bem como as principais conclusões. Ao apresentar a palavra “comunicação” no resumo, então, os textos encontrados na busca poderiam evidenciar uma discussão sobre o referido tema. Muitas vezes, como explicitamos adiante, o verbete foi apenas “usado em vão”, sem problematizar ou referenciar autores da área de Comunicação.

Para fins de filtragem de resultados e recorte, selecionamos o filtro “Brasil” na opção “Coleções”, pois esta pesquisa se interessa por artigos publicados em revistas brasileiras e em português do Brasil. Pelo mesmo motivo, em “Idioma”, selecionamos “Português”. Para a opção “Ano de publicação”, marcamos 2013 e 2023, conforme fundamentação no trabalho de Hu, Oktavianus e Zhu (2024) – os autores pesquisaram os anos de 2010 e 2020, apenas com caráter quantitativo para verificar o balanço entre citações feitas por autores de Comunicação

⁴ O site da SciELO está disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 17 set. 2024.

e autores de outras áreas, autocitações e citações de autores da Comunicação em textos de outras áreas. Identificada essa lacuna qualitativa, realizamos esta pesquisa. Em “Áreas temáticas”, selecionamos Antropologia, Política, Psicologia e Sociologia, principais áreas das CHS tradicionalmente correlatas à Comunicação.⁵ Por fim, em “Tipo de literatura”, escolhemos “Artigo”. As demais opções não foram selecionadas ou alteradas.

Após excluídos dois artigos da área de Educação Física e um outro que era “Artigo de revisão”, obtivemos sete artigos para Antropologia, sendo um para 2013 e seis para 2023; quatro para Política, sendo todos de 2023; 30 para Psicologia, sendo 15 artigos tanto para 2013 quanto para 2023; e 13 artigos para Sociologia, com oito textos para 2013 e cinco para 2023 – um artigo desta área é comum à Antropologia, e outro, à Política. No total, os resultados apontaram 54 artigos, com 52 distintos. A área de Antropologia representa cerca de 13% do *corpus*; a área de Política, a menos expressiva, 7,5%; a área de Psicologia, a mais expressiva, 55,5%; e a área de Sociologia, 24%.⁶

2.1 Antropologia

A área Antropologia apresenta sete textos, sendo um publicado em 2013, e os demais em 2023. Apenas dois citam autores da área de Comunicação, um de 2013 e outro de 2023. Os outros cinco, apesar de mencionarem “comunicação”, e expressões correlatas, como artefatos de comunicação, dispositivos de comunicação, plataformas de comunicação digital, regras de comunicação, materiais de comunicação, jogo de comunicação, estratégias de comunicação, meios de comunicação, objeto de comunicação, veículos de comunicação, setor de telecomunicações, empresa de telecomunicações, empresa de comunicação pública e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), não problematizam tais nomenclaturas e sequer citam autores da Comunicação.

O artigo “Macrodinâmicas da comunicação midiática na Amazônia”, de 2013, discute as características do sistema de comunicação midiática na região amazônica, observando como as mídias constroem estratégias de reprodução social de modelos hegemônicos ou ensaiam

⁵ Reconhecemos que outras abordagens, como Artes, Estudos de Linguagem, Semiótica e Semiologia também contribuem para a Comunicação e serão consideradas em pesquisas futuras.

⁶ Os metadados completos dos artigos que compõem o corpus desta pesquisa estão disponíveis em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1T7B-QibKzspS2_cSGoevKXutbxu5hx9KFBz93T3Ai_c/edit?usp=sharing.

Optamos por mencionar apenas o título para fins de aprofundamento analítico e economia de espaço.

processos contra-hegemônicos. A publicação utiliza os termos ou expressões: sistema de comunicação midiática, redes de televisão, emissoras de rádio, jornais impressos e ações de comunicação comunitária e popular, economia política da comunicação, comunicação midiática, função comunicativa em sua dinâmica estritamente mercadológica, comunicação comunitária, capital comunicacional, comunicação religiosa. A discussão centra-se em entender as peculiaridades amazônicas na cena midiática brasileira. As palavras “comunicação” e “mídia” figuram nas palavras-chave. Esta última é utilizada quanto ao seu papel no desenvolvimento sustentável e no jogo da reprodução social levado a termo no espaço amazônico.

Entre as citações, há três livros de César Bolaño, professor de Economia e Comunicação na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O primeiro, em autoria única, o segundo, em coautoria com mais dois autores, e o terceiro, um capítulo de livro. Há menções a uma dissertação e a uma tese, ambas em Comunicação, que tratam, respectivamente, da regionalização do rádio e da relação entre mídia e poder. Há também dois anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), ambos sobre grupos midiáticos no Norte do Brasil.

Autores como Bolaño e Marques de Melo são apropriados para definir e destacar a importância da economia política na Comunicação. Outros autores auxiliam a compreender a superação dos impasses colocados pelo debate acerca da indústria cultural, como Mattelart, Sreberny-Mohammadi e Hamelink. A internacionalização da mídia centra-se nas discussões de Sánchez-Tabernero, e as dinâmicas de globalização e regionalização fundamentam-se em Thompson e Robertson. Para a revisão de literatura acerca dos sistemas de comunicação na região Norte do Brasil, o artigo menciona Crepaldi (anais do Intercom), Vieira Júnior (dissertação), Beltrão, Cabral, e Veloso (tese).

A publicação conclui que o sistema de comunicação da Amazônia opera em múltiplos níveis e está em constante evolução, moldado pela experiência social e interações em diferentes esferas. O artigo explora as principais dinâmicas desses sistemas na região amazônica, destacando como elas refletem as peculiaridades locais e as disputas pelo controle social em contraste com a normatividade da sociedade brasileira. A investigação considera tanto o modelo abstrato dos sistemas quanto a atuação empírica dos agentes sociais na construção e negociação do poder.

Publicado em 2023, “Da saúde ao crime: reinscrevendo os problemas do cigarro” mapeia os atores institucionais vinculados à indústria do tabaco e como se inscrevem no espaço público, identificando as performances utilizadas na viabilização desse trabalho, os instrumentos e as variáveis selecionadas para compor as figuras do contrabando, e analisa as consequências que essa intervenção produz. A hipótese considera que o diagnóstico presente nos meios de comunicação resulta da intervenção de atores institucionais vinculados à indústria do tabaco.

As expressões “meios de comunicação” e “empresas de comunicação corporativa” são utilizadas livremente, sem fundamentação teórica específica. O texto considera que os meios de comunicação se transformam em cenários nos quais os interesses empresariais são colocados como debates desinteressados. As mídias são tratadas como veículos noticiosos acerca da indústria do tabaco. Em relação às empresas de comunicação corporativa, o texto emprega apenas uma vez essa expressão para indicar as organizações para as quais foram apresentadas solicitações.

Apenas uma referência da área de Comunicação é citada. A dissertação “Narrativa transmídia jornalística: estratégias e procedimentos nos dossiês ‘Tudo Sobre’” analisa projetos multimídia da Folha de São Paulo, e é referenciada para destacar o ingresso do financiamento de entidades e empresas em projetos de combate à pirataria por meio da mescla entre campanhas publicitárias e conteúdos jornalísticos.

O artigo conclui que a inscrição do cigarro como um problema de segurança pública beneficia a indústria do tabaco, deslocando o foco das políticas de controle do tabagismo para o mercado ilegal. Isso possibilita questionar as regulamentações que afetam sua rentabilidade. Assim, especialistas em segurança substituem os de saúde pública nas discussões sobre políticas do tabaco, reduzindo a questão a problemas tributários. Os desafios para reinserir o cigarro na agenda de saúde, como verificado, incluem o setor de segurança pública.

2.2 Política

Em Política, apenas quatro artigos, de 2023, citam autores de Comunicação. O texto “Limites na mídia: a representação da Tríplice Fronteira nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo (2011-2019)” observa quais são as representações sobre Brasil, Argentina e Paraguai, países que compõem a Tríplice Fronteira, nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. Para tanto, o texto recorre aos pressupostos teóricos de *framing* e *agenda-setting*.

O artigo “Análise indireta de enquadramentos da mídia...”, citado apenas uma vez acerca da diferenciação entre modelos metodológicos e conceitos, com perspectivas fundamentadas em noções distintas de *framing*. Grosso modo, as demais referências abordam temáticas da área de Comunicação e afins, notadamente do jornalismo, relacionadas às abordagens sobre discurso midiático, narrativas e enquadramentos jornalísticos e análise de conteúdo.

Os principais termos são: veículos de comunicação, Instituto Verificador de Comunicação (IVC), meios de comunicação, estudos de comunicação e contexto da comunicação. Em relação às abordagens teóricas do jornalismo, identificamos as palavras-chave imprensa, *framing* e *agenda-setting*. O artigo menciona outras referências, estrangeiras, de linguistas como P. Charaudeau, N. Fairclough e R. Fowler, acerca do discurso midiático. Destacam-se as cinco referências aos três artigos de R. M. Entman, autor mais citado, todos publicados no *Journal of Communication*. Essas citações se voltam para definir as abordagens do *agenda-setting*, do *framing* (enquadramento) da cobertura jornalística e de *priming*. Entman define o enquadramento como o ato de selecionar aspectos de uma realidade percebida em relação a um objeto no contexto da comunicação, evidenciando algumas ideias em detrimento de outras. Ele explicita que essa forma de moldar e alterar as interpretações e preferências do público consumidor de notícias ocorre por meio da ideia de *priming*, um processo pelo qual aspectos dominantes da cobertura de imprensa servem de critério para a tomada de decisão.

O restante dos autores mencionados que abordam questões e termos afins à Comunicação e ao Jornalismo são citados uma ou duas vezes. A maioria dos autores que citam a comunicação e o jornalismo adotam uma perspectiva crítica diante dos fenômenos analisados, com base em abordagens teórico-metodológicas acionadas.

O artigo “Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia” busca visibilizar as vivências das juventudes latino-americanas durante a Covid-19, oferecendo aportes para a resolução dos problemas revelados e aprofundados naquele tempo. Trata-se de um dossiê composto por dez estudos sobre cinco países da América Latina que abordam o deslocamento e a importância do tempo, do espaço e das perspectivas para o futuro entre os jovens durante a pandemia, as desigualdades educacionais reveladas e aprofundadas durante o período, especialmente, por conta do acesso desigual às TICs, a vinculação precária ao mercado de trabalho e a participação política das juventudes. Como observamos, nenhum desses temas se relaciona diretamente com a Comunicação, com exceção do tema sobre o acesso desigual às TICs.

A sigla TICs, todavia, é mencionada uma única vez, para mostrar que uma parte da população teve de se adaptar às TICs para trabalhar e estudar durante a pandemia, enquanto outra parte não teve o mesmo acesso. As demais referências vinculam-se às áreas Política (participação política e participação parlamentar, juventudes latino-americanas, coletivos universitários e jornadas de junho) e Saúde (saúde mental), sendo quatro publicações de periódicos brasileiros e duas de periódicos estrangeiros.

O artigo “Outsiders: um conceito de difícil operacionalização na Ciência Política” estabelece as bases conceituais para a identificação de atores políticos como *outsiders*, considerados como líderes neófitos ocupando cargos políticos de relevância em democracias pouco ou muito consolidadas. O texto revisa a noção de *outsiders* para entender os motivos de sua indefinição, buscando responder como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*, se há uma definição consensual de outsiders políticos, e se é possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do executivo quanto do legislativo.

O termo “comunicação” é utilizado na expressão “comunicação política” e associado à Ciência Política, sendo considerada muito eficaz na comunicação com o eleitorado. Quanto às palavras-chave (políticos *outsiders*, discurso *anti-establishment*, partidos políticos, carreiras políticas e revisão de escopo), destacamos que, do ponto de vista comunicacional, apenas a segunda se relaciona com a Comunicação.

São quatro referências que abordam a comunicação. O espanhol R. R. Andrés trata da ascensão de candidatos *outsiders* como resultado das novas formas de comunicação política. Os italianos A. Ceron, A. Gandini e P. Lodetti abordam a retórica *anti-establishment* antes e depois da participação governamental. O artigo de Andrés não é mencionado no corpo do artigo, mas somente nas referências, o que pode denotar baixa relevância para a Comunicação, embora seu título revele afinidades com a interface comunicação e política. O artigo elaborado pelos autores italianos aborda a dimensão discursiva da classe política e partidária, denominada discurso populista, reconhecendo-a como uma variável essencial em uma série de estudos. Sob a ótica comunicacional, a autora do artigo aborda com propriedade a dimensão discursiva retórica do *anti-establishment* político em sua interface com a Comunicação, e conclui que embora haja uma definição mínima de políticos *outsiders*, o conceito ainda é complexo e difícil de operacionalizar.

O artigo “Responsividade e comunicação parlamentar...” é o único que apresenta o termo “comunicação” no título, atrelado à “parlamentar”. O texto verifica a relação entre

atributos específicos de legisladores federais e seu grau de responsividade na comunicação com cidadãos. Os principais termos relacionados à Comunicação são comunicação com cidadãos, comunicação democrática, comunicação parlamentar, TICs, comunicação digital, comunicação, canais de comunicação, meio de comunicação, comunicação responsável e boa comunicação. Todos esses termos são citados uma única vez, com exceção de “comunicação”, termo inúmeras vezes utilizado livremente, sem nenhuma conceituação ou problematização.

O texto cita três artigos ligados à Comunicação, publicados em periódicos brasileiros; dois escritos pelos próprios autores do texto analisado, que versam sobre o contexto democrático brasileiro e sua conformação pelas TICs. O terceiro artigo, de Wilson Gomes, referência na interface comunicação e política, trata da democracia digital e do problema da participação civil na decisão política.

Notamos, em alguns trechos do artigo analisado, uma perspectiva instrumental e tecnicista da comunicação, sobretudo quando as TICs são tratadas como ferramentas que devem ser utilizadas pelo Parlamento como aliadas para cumprir suas funções. Entretanto, a perspectiva da responsividade na comunicação é mais marcante. Isso contribui para superar a visão utilitária da comunicação, revestindo-se, assim, de uma dimensão pública da comunicação parlamentar. Essa perspectiva é ampliada com as três funções relacionadas à política parlamentar, com o propósito de melhorar a qualidade da democracia por meio de canais de comunicação que possibilitam um fluxo de informação dirigido ao cidadão.

2.3 Psicologia

Em Psicologia, três artigos de 2013 e quatro de 2023 citam autores da Comunicação. Os que não citam brasileiros empregam termos de comunicação, geralmente associados a aspectos psicossociais, educacionais, esportivos, organizacionais, familiares e de saúde, com ênfase a problemas psicoterapêuticos, psicanalíticos e psiquiátricos.

O artigo “Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar...” identifica e compara as percepções que progenitores e crianças têm sobre a comunicação parento-filial. Publicado em 2013, o artigo contempla os seguintes temas: comunicação parento-filial, comunicação, metacomunicação, comunicação familiar, conteúdos comunicacionais, regras de comunicação intrafamiliares, gestor comunicacional, responsividade comunicacional e interação comunicacional. De imediato, observamos uma

perspectiva própria conferida à comunicação, próxima ao seu sentido terapêutico (Salgado; Mattos, 2020), como também se verá nos textos seguintes.

O termo “comunicação” é o mais utilizado (29), em sua maior parte, referindo-se às expressões “comunicação entre progenitores e filhos”, “comunicação parento-filial”, “comunicação na parentalidade”, entre outras. A “comunicação parento-filial” é citada 14 vezes, sendo definida como um processo de abertura comunicacional, de satisfação com o sistema familiar e de cuidar do outro, bem como a capacidade de resolver conflitos.

É válido destacar o livro “Introdução ao Estudo da Comunicação” de J. Fiske, citado apenas nas referências, e o livro “Pragmatics of Human Communication...”, de P. Watzlawick, J. Beavin e D. Jackson, mencionado apenas uma vez, em referência à metacomunicação. Esse termo é mencionado seis vezes e se insere no contexto mais amplo da comunicação familiar. Esta se apresenta como uma expressão estruturante, englobando a expressão do afeto e do apoio emocional, a disponibilidade para a abertura comunicacional e a sinceridade no diálogo, a confiança e a partilha de questões e problemas pessoais sobre trabalho, relacionamentos, amizades e família. A metacomunicação está relacionada à explicitação dos conteúdos comunicacionais verbalizados.

Embora a noção de comunicação familiar seja concebida transmissiva e instrumentalmente, o artigo se baseia em estudos que constatam que o processo de comunicação parento-filial pode funcionar como mecanismo mediador e protetor de comportamentos de risco das crianças. Nesse sentido, o trabalho engloba uma compreensão mais abrangente da comunicação entre progenitores e filhos.

O artigo “Uma análise de concepções sobre a criança e a inserção da infância no consumismo” aciona os seguintes períodos associados à Comunicação: “comunicação com os pais e como eles são significativos no desenvolvimento de sua autonomia e capacidade crítica”, “a troca e a comunicação entre os indivíduos são a consequência mais evidente do surgimento da linguagem” e “evidencia-se a troca e a comunicação da criança com a família”. O objetivo é contextualizar as percepções da criança e sua inserção no mercado de consumo, a relação e a comunicação com os pais, e como eles impactam no desenvolvimento da autonomia e da capacidade crítica. As consequências do consumo exagerado na infância, o consumismo e a propaganda infantil como processos alienantes são as questões centrais.

O texto cita três autores de obras relacionadas ao campo comunicacional: G. Debord, E. Karsaklian e G. Lipovetsky. O espetáculo expressa a separação e o afastamento entre o homem

e o homem, e faz com que este fique sujeito ao domínio da massa de objetos, opondo a necessidade à vida. Nessa perspectiva, o consumo excessivo leva as pessoas a se tornarem dependentes e submetidas ao mundo das mercadorias, e a sociedade do espetáculo fabrica novos significados em relação à vida e novas percepções de mundo. As ideias sobre o consumismo na pós-modernidade são discutidas. Essa prática se torna parte da cultura das sociedades capitalistas e se fundamenta nos desejos nunca alcançados, além de gerar um círculo vicioso e alienante.

O artigo “Autoria em blog por pessoas em sofrimento psíquico...”, de 2013, discute a potencialidade de oficinas de informática na saúde mental com o uso das TICs, buscando possibilitar às pessoas em sofrimento divulgar suas produções, trabalhar as suas capacidades por meio da apropriação das ferramentas da *web*. As expressões mais citadas dizem respeito ao uso das TICs, à ampliação das modalidades de comunicação e a um registro em suporte digital que permita instituir uma prática de comunicação social, com significativo progresso.

M. Castells é referenciado acerca da convergência entre tecnologias, enquanto P. Lévy é mencionado para tratar das tecnologias de inteligência. Por sua vez, J. L. Orihuela discorre sobre blogs e blogosfera. Paula Sibilia trata dos agenciamentos coletivos das tecnologias, e o texto de L. M. Souza e E. N. Corrêa, versa sobre a autoria do público na mídia digital.

O artigo conclui que os *blogs* são relevantes como ferramentas de comunicação e expressão, especialmente em contextos terapêuticos. Além de serem plataformas para compartilhar saberes e experiências, possibilitam que os participantes expressem suas vivências, promovendo autonomia e autoafirmação. Os autores mencionam a necessidade de expressão, o desejo de se integrar a comunidades e a busca por reconhecimento como motivações para a criação de *blogs*. O uso do *blog* facilitou a aprendizagem compartilhada e a socialização, fortalecendo os laços entre os participantes e alterando suas relações com os outros e consigo mesmos, contribuindo para novos modos de vida e de interação familiar.

O texto “Quarta onda feminista no Brasil”, de 2023, aborda a quarta onda feminista no Brasil por meio da presença do meio digital, considerada a principal estratégia. O artigo emprega os seguintes termos e ideias: meios de comunicação digitais, TICs, “a *internet* seria o principal meio de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil”, “forma de comunicação rápida” e “novas formas de comunicação mais eficazes”. Três autores da Comunicação fornecem as bases para a interseção entre cobertura jornalística, a quarta onda feminista e a esfera pública digital, sendo duas autoras brasileiras (C. Cerqueira e R.

Cabecinhas), do artigo “A cobertura jornalística do Dia Internacional das Mulheres na imprensa portuguesa...”, e uma autora estrangeira, Zizi Papacharissi, de “The virtual sphere...”.

O único autor mais próximo à Comunicação citado uma única vez é M. Castells, que ressalta a importância dos movimentos sociais mundiais e, em particular, os movimentos de protesto das mulheres no Brasil. As autoras brasileiras, mencionadas duas vezes, explicam que os discursos jornalísticos podem ser entendidos como representações da realidade, exercendo papel preponderante na formação da opinião pública. Consideraram que a informação veiculada pelas mídias é por onde o público acessa o debate acerca do gênero e dos movimentos feministas. Papacharissi é citada uma única vez, discorrendo que o desenvolvimento dos meios eletrônicos não equivale por si só a uma participação emancipadora. Por isso, salienta que o conteúdo, a diversidade e o impacto da discussão política precisam ser analisados com cautela antes de se afirmar que o discurso *online* fortalece a democracia.

As autoras do artigo ultrapassam uma visão imediatista do poder dos meios eletrônicos apontando alguns de seus limites. Por outro lado, verificam que a maioria das organizações feministas apenas utilizam o espaço virtual sem promover atividades presenciais. Chama-nos a atenção a falta de problematização sobre o baixo nível de atividades práticas das organizações feministas com seus respectivos públicos, denotando ênfase na perspectiva da comunicação centrada nas mídias.

O artigo “Mídia e Psicologia: uma revisão de literatura”, de 2023, identifica a produção sobre mídia desenvolvida pela área da Psicologia no Brasil ao realizar levantamentos em bases de dados nacionais utilizando os descritores “mídia”, “psicologia” e “comunicação”. As ideias mais acionadas no artigo são: “a Psicologia contribui com o campo da comunicação”, meios de comunicação ou/e mídia, processos de comunicação, “democratização da comunicação e oligopólios da imprensa”, “TICs e formação do psicólogo clínico” e “pesquisas em comunicação”.

O artigo se baseia em duas autoras brasileiras da Comunicação, M. Baptista e A. Vimieiro, mencionadas apenas uma vez. O artigo da primeira, de cunho metodológico, discute os aspectos emoção e subjetividade na produção da pesquisa em Comunicação, ancorando-se nas perspectivas de Maturana, Varela e Guattari, e situa a produção do conhecimento em relação ao sujeito maquínico, bem como a relação sujeito-objeto na abordagem dos fenômenos

comunicacionais e midiáticos. O segundo aborda o fã-ativismo por meio da análise da campanha #ForaRicardoTeixeira.

A despeito de o artigo analisado inventariar as referências que abordam a interface mídia e psicologia, os autores incluíram na pesquisa os textos que concebem a comunicação como um processo mais amplo, não necessariamente midiático. Isso fica evidenciado na explicação de que o termo “comunicação” que aparecia nos resumos referia-se, na maioria, aos processos de comunicação e não aos meios de comunicação e/ou à mídia. Entretanto, entre as oito categorias que ancoraram a análise, a maioria privilegia a mídia como instrumento analítico. Isso contrasta com o propósito de imprimir uma perspectiva mais abrangente da Comunicação e da sua relação com a Psicologia.

O artigo concebe a relação entre essas duas áreas por um olhar que privilegia a perspectiva da Psicologia para analisar os fenômenos da comunicação e da mídia. Essa postura é justificada pelo fato de o estudo ser de iniciativa de pesquisadores dessa área. Porém, essa prevalência revela que o estudo da interface psicologia e comunicação confere ínfima importância aos estudos, autores e textos da Comunicação, citando-os uma única vez no corpo do texto, sem explorar suas potencialidades e contribuições para o avanço de pesquisas interdisciplinares e muito menos ter investigado outros estudos clássicos e contemporâneos da Comunicação, que desde a sua fundação como campo de conhecimento se fundamenta nos aportes da Psicologia, entre outras CHS, para ampliar a compreensão dos fenômenos comunicacionais e midiáticos.

O artigo “Arte-testemunho em Nazareth Pacheco”, de 2023, aborda a obra de arte como testemunho, à luz de falas e escritos da artista Nazareth Pacheco. As principais questões relativas à Comunicação são “comunicação verbal em criação artística” e “possibilidades de ultrapassar a linguagem falada, ampliando a comunicação”. Apenas uma referência da Comunicação é mencionada: a dissertação da própria artista, realizada no Departamento de Artes da Escola de Comunicação e Artes (USP), e proposta como referencial de análise.

A justificativa de escolher Pacheco se deve ao fato de ela ser considerada uma artista plástica contemporânea e protagonista de experiências de vida avassaladoras, que toma o corpo como palco de suas incursões artísticas. A expressão “comunicação verbal em criação artística” é mencionada duas vezes, atribuída ao sentido de ir além. A cada vez que é acionada, destaca os sentidos oferecidos pela imaginação, que se expressam para além da comunicação verbal em criação artística.

O artigo “Revolução Tecnológica e Smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo”, de 2023, resulta de estudos teóricos empreendidos à luz da Psicologia Histórico-Cultural entre 2016 e 2020, e busca compreender a constituição dos sujeitos contemporâneos com base na revolução tecnológica. Os termos relacionados à Comunicação são tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), revolução da informática e das telecomunicações e “revolução da microtecnologia que atua sobre a indústria, a comunicação e o psiquismo”.

Os autores da Comunicação (três espanhóis e dois brasileiros) são citados uma única vez no corpo do texto, e os temas abordados estão relacionados com as TDICs, às redes digitais e a seus desdobramentos nas práticas de comunicação e jornalismo na vida social. M. Castells, autor recorrente na área de Psicologia, como exposto, é acionado para enfatizar que o sistema da internet e da rede revolucionou os tempos mais recentes, originando uma “sociedade em rede”. Freire Filho e Lemos discorrem sobre as práticas comunicacionais em regime de simultaneidade e convergência. Prego considera que os algoritmos computacionais fomentam ainda mais esse processo, retroalimentando as redes e as plataformas de vídeos com conteúdos semelhantes e de mesmo viés vistos pelos usuários, além de criar “bolhas informativas”, “verdades únicas” e perdas de contato com o contraditório, o antagônico e o divergente. Zarzalejos enfatiza que a pós-verdade não é sinônimo de mentira, mas uma situação na qual os fatos objetivos têm menor influência na opinião pública do que os apelos às emoções e crenças pessoais.

Os autores do artigo discutem as TDICs, com ênfase no *smartphone*, mediante uma abordagem histórica, dialética e psicosociológica sobre seus avanços e efeitos nocivos à sociedade. Por fim, apontam os benefícios e os efeitos positivos da revolução tecnológica. Ao citarem Costa e outros, salientam que as TDICs podem e devem ser utilizadas como instrumentos mediadores de aprendizagem, sendo capazes de aguçar a curiosidade, a imaginação, as emoções e as formas de linguagem, colaborando na constituição subjetiva e na autonomia dos sujeitos. Os resultados demonstram que a recuperação do percurso histórico das criações tecnológicas é essencial à Psicologia, pois amplia a análise de como os sujeitos se constituem. A revolução microtecnológica deve ser tomada sob um viés crítico e ético. A despeito da relevância do estudo, seus autores conferem pouco espaço para desenvolver o pensamento e as contribuições dos autores da Comunicação.

2.4 Sociologia

A área Sociologia apresentou 13 artigos – oito em 2013, e os outros cinco, em 2023. Seis citam autores da área de Comunicação, três em 2013, e três em 2023. Os outros sete não citam autores de Comunicação, malgrado a utilização de expressões como meios de comunicação, departamento de comunicação, redes sociais, idiomas de comunicação colonial, língua preferencial de comunicação entre as populações indígenas, mecanismos de comunicação e representação de presos, controle estrito da comunicação com advogados e visitantes, canais diretos de comunicação, comunicação cotidiana entre os vigilantes, comunicação verbal e não verbal, suportes tecnológicos de comunicação e informação, sistemas de comunicação, dispositivos tecnológicos de comunicação e de informação, sociologia da comunicação, cultura de comunicação de massa e dos veículos de divulgação que a expressam (*mass media*), campo da Comunicação Social, mídia, processo de comunicação, redes de comunicação entre missionários, códigos latinos de comunicação e exercício da comunicação. Em suma, a comunicação é mencionada em seus aspectos linguageiros, materiais (aparatos, tecnologias e objetos técnicos) e processuais (prática, ação, dinâmica coletiva). As expressões e termos são apenas mencionados em vão, sem qualquer problematização ou referência teórica na Comunicação.

O artigo “O uso de TIC pelos governos...”, de 2013, propõe estabelecer uma agenda de pesquisa sobre o uso e as implicações sociais das TICs pelos governos no Brasil. O foco inclui estudos sobre governança eletrônica, prestação de serviços públicos por meio de TICs, uso dessas tecnologias na administração pública, e o impacto delas na ampliação da prática democrática.

Encontramos apenas uma referência da Comunicação, o artigo “Online consultation: e-democracy and e-resistance in the case of the development gateway”, que trata da consulta pública *online* com foco nas temáticas de democracia e resistência eletrônicas. Essa referência enfatiza as discrepâncias no acesso à *internet* relacionadas com área geográfica, raça, gênero e classes, e seu uso para propósitos autoritários. O artigo discute as semelhanças e diferenças entre os desafios do uso das TICs no setor público e privado. Embora muitos problemas sejam comuns, as especificidades do setor público, como interesses políticos, burocracia e controle externo, tornam a pesquisa nesse campo essencial. A proposta é ampliar a investigação acadêmica, integrando diversas perspectivas e abordagens teóricas, para entender melhor as implicações sociais das TICs na administração pública brasileira.

As expressões utilizadas são TICs, infraestrutura de comunicação digital, ferramentas para comunicação e *workgroup*, comunicação entre Estado e cidadão, comunicação multidirecional, ferramentas de comunicação e infraestrutura de comunicação digital em cidades. Os termos trazem uma abordagem instrumental da comunicação como ferramenta para a promoção democrática e o uso das TICs pelos governos. Como a própria sigla evidencia, a comunicação é vista em sua dimensão técnica e tecnológica, como meio para um fim.

O artigo “A visibilidade ambiental em perspectiva sociológica...”, de 2013, examina como foram construídos os arranjos analíticos sociomediáticos em função do agendamento e da tematização ambiental. O texto emprega as expressões “meios de comunicação”, “ambiente comunicacional”, “processo comunicativo” e “veículos de comunicação”. Os meios são mencionados como veículos noticiosos sobre o desmatamento na Amazônia e a redução da vegetação nativa na Mata Atlântica, articulando-se às lógicas empresariais e de outros setores, como os anunciantes. A mediação ocorre em um contexto de múltiplas permeabilidades, no qual há muitos interesses em disputa. O processo comunicativo é importante na formação da opinião pública ao atrelar-se aos variados agentes de produção midiática. A principal referência é o livro “Ambiente no ecrã: emissões e demissões do serviço público televisivo”, de Luísa Schmidt, socióloga, jornalista, professora e pesquisadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Em linhas gerais, o artigo cita autores importantes da Comunicação, como José L. Braga, com um artigo apresentado na Compós acerca da midiatização como processo interacional de referência, e o livro “A sociedade enfrenta sua mídia...”. Braga é referenciado para discutir a função de delineamento e enquadramento de temas na agenda pública pelo processo de midiatização. Os demais autores são utilizados para tratar da relação mídia e meio ambiente, e acerca da comunicação ambiental. Posto que se trata de uma comparação entre a visão brasileira e portuguesa sobre a visibilidade ambiental, o texto mescla autores brasileiros e portugueses.

O artigo conclui que a midiatização influencia a visibilidade das ideias ecológicas, destacando o papel das mídias na formação de uma cultura ambiental nos dois países em questão. Os meios atuam como “faróis na opinião pública”, mas sua abordagem pode ser ambígua, promovendo tanto a conscientização quanto a superficialidade das questões ambientais. Essa ambivalência reflete a dinâmica sociocultural e política, onde a cobertura pode priorizar aspectos sensacionalistas. Por fim, a globalização ambiental emerge como um

fator crucial na constituição de uma agenda nacional para políticas públicas eficazes, especialmente no Brasil e em Portugal.

O artigo “Meios de comunicação, voto e conflito político no Brasil”, de 2013, apresenta as expressões: comunicação, processos de comunicação, conglomerados de comunicação, comunicação governamental, sociologia da comunicação, meios de comunicação, veículos de comunicação, fluxos de comunicação, campo da comunicação, comunicação de massa, estudos sobre comunicação, comunicação pública de Estado, redes tradicionais de comunicação, formas de comunicação não mediadas e grande imprensa. A comunicação é tratada por um viés informacional e transmissivo, com foco na gestão estatal e governamental, com destaque para a imprensa. Os termos são empregados para discutir os fatores contribuintes para o surgimento dos estudos sobre mídia e política no Brasil, e como a vitória de F. Collor influenciou a relação entre a mídia e a política no país. O artigo também explicita como a normalização democrática após 1985 impactou o desenvolvimento do campo de estudos sobre comunicação política.

Para isso, o texto se fundamenta em dois trabalhos de Alessandra Aldé, professora da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Política (Compolítica), a saber “As eleições presidenciais de 2002 nos jornais”, capítulo de livro, e “Tomando partido...”, artigo publicado na revista Política & Sociedade em coautoria com mais dois autores. Também é válido ressaltar que o trabalho de Biroli e Miguel recorre a nomes importantes tratados nas “teorias de comunicação”, como Bernard Berelson e Paul Lazarsfeld, com a obra “Voting: a study of opinion formation in a presidential campaign Chicago”, escrita juntamente com William McPhee, e “The people’s choice...”, escrita pelos dois primeiros em coautoria com Hazel Gaudet. Outro nome importante nas “teorias” é Elisabeth Noelle-Neuman, referenciada com o trabalho “The reasoning voter: communication and persuasion in presidential campaigns Chicago”, escrito em parceria com Samuel L. Popkin.

Ademais, o texto cita outros pesquisadores importantes da Comunicação em interface com os estudos de Política, como Wilson Gomes – “Internet e participação política”, Venício de Lima – “Televisão e poder...” e “CR-P: novos aspectos teóricos e implicações para a análise política”, ambos publicados na revista Comunicação & Política. Há duas autocitações de Luis Miguel acerca da relação mídia e política. Antônio Rubim, docente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, e Mauro Porto,

professor no Departamento de Comunicação da Tulane University, também são citados para abordar como os media desempenham um papel crucial na imposição de “consenso”.

O artigo “Inquérito policial como tática de vigilância: novas tecnologias e a criminalização dos protestos de 2013”, de 2023, analisa como as TICs são utilizadas em inquéritos contra ativistas com base em pesquisa sobre a criminalização de manifestantes no ciclo de protestos de 2013 em Porto Alegre, e conclui que essas tecnologias reforçam narrativas elaboradas por fontes tradicionais de comunicação, amplificando a visibilidade sobre manifestantes e a busca por legitimação policial.

As principais expressões utilizadas são: TICs e canais de comunicação dos próprios ativistas. A principal referência é ao professor do Departamento de Mídia e Comunicação da Erasmus University Rotterdam, Daniel Trottier, com dois artigos sobre vigilância digital e mídia social. Esse autor é mencionado no contexto da vigilância e policiamento das redes para discutir como as mídias sociais são utilizadas pelas forças policiais para monitorar e coletar informações sobre ativistas e manifestantes. Trottier contribui para a compreensão de como a mediação tecnológica pode influenciar a ação policial e a percepção pública sobre a legitimidade dessas ações.

Juntamente com Trottier, Fernandes cita “Tecnologias de informação e comunicação, ativismo e movimentos sociais...”, de Bianca Ruskowski e outros colegas, publicado na revista brasileira Compolítica em 2020, para tratar do uso das TICs nos movimentos sociais, destacando como elas têm sido amplamente discutidas em termos de suas implicações para a ação dos movimentos sociais, especialmente em relação às redes e suas transformações. Isso ajuda a contextualizar a análise de Fernandes sobre como as TICs são mobilizadas não apenas para a organização de protestos, mas também para a vigilância e criminalização dos ativistas. Novamente, constatamos uma visão instrumental da comunicação, materializada em tecnologias (TICs) a serviço de práticas judiciais para contenção, monitoramento e vigilância de ativistas nas redes. O sentido transmissivo de comunicação também é frisado quando se aborda os canais de comunicação usados pelos ativistas em mídias alternativas. A perspectiva comunicacional recai na comunicação midiática.

Outro texto também classificado em Sociologia foi o artigo “Outsiders...”, de Roberta Picussa, já analisado na área Política. O último texto do conjunto, que menciona autores da área de Comunicação é “Da saúde ao crime....”, também categorizado na área Antropologia, já examinado detalhadamente, publicado na revista Dilemas - Revista de Estudos de Conflito

e Controle Social, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do IFCS/UFRJ.

3. Considerações finais

A análise das interfaces entre Comunicação e Antropologia, Política, Psicologia e Sociologia revela um panorama complexo e multifacetado sobre como a palavra “comunicação” é tratada em diferentes contextos acadêmicos. Em todas essas áreas das CHS de interface, há uma tendência de utilizar o termo de maneira ampla, frequentemente sem uma problematização aprofundada. Embora cada área tenha suas especificidades, a comunicação é frequentemente abordada como um fenômeno midiático que permeia as interações, mas muitas vezes sem a devida referência a autores e teorias consolidadas da Comunicação, o que indica uma lacuna interdisciplinar na integração entre as áreas.

Este trabalho teve limitação na coleta de dados no que tange à seleção de apenas dois anos de publicações (2013 e 2023). Certamente que a ampliação do período possibilita melhor compreensão do grau de interdisciplinaridade entre os campos vizinhos à Comunicação e seus variados enfoques do termo “comunicação”. A análise de duas ou três décadas de publicações, com efeito, pode contribuir para comparações de tematizações específicas por períodos, bem como indicar tendências de uso ou abandono de autores de referência. Também é válida a inclusão futura de campos como Artes, Estudos de Linguagem, Semiótica e Semiologia.

Em síntese, na Antropologia, a comunicação é mencionada em termos de artefatos e dispositivos, mas raramente se aprofunda na análise das dinâmicas comunicativas que moldam as culturas. De maneira semelhante, na Sociologia, embora haja uma presença significativa de artigos que mencionam a comunicação, muitos não exploram as implicações sociais e políticas dessas interações. A Psicologia, por sua vez, aborda a comunicação em contextos psicossociais e educacionais, mas frequentemente se concentra em aspectos terapêuticos e familiares, sem considerar a comunicação como um fenômeno mais amplo. Na Política, a comunicação é tratada como uma ferramenta essencial para a democracia e a participação civil, mas muitas vezes de forma instrumental, tecnicista e centrada nas mídias.

A falta de uma perspectiva crítica e ética em relação às TICs é uma preocupação que permeia todas as áreas analisadas. Assim, a construção de um entendimento mais integrado e crítico sobre a comunicação pode enriquecer não apenas a pesquisa acadêmica, mas também as práticas sociais e políticas, promovendo uma compreensão mais profunda das interações em

um mundo cada vez mais mediado por tecnologias. A abordagem fragmentada entre as CHS sugere que, apesar da relevância da comunicação em cada um dos campos vizinhos, há uma necessidade de um diálogo mais robusto e interdisciplinar. A promoção desse diálogo é, portanto, fundamental para avançar na compreensão da comunicação como um fenômeno – e não como epifenômeno – complexo e diverso, e como área que ainda enfrenta a dispersão, buscando sua especificidade científica.

Referências

- BRAGA, A. Que comunicação ensina afinal o curso de Comunicação? In: BRUCK, M. S.; OLIVEIRA, M. E. (orgs.). **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos:** reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 187-194.
- BRAGA, J. L. Comunicação como trabalho da diversidade (perspectiva e metodologia). **MATRIZes**, v. 16, n. 3, p. 103–120, set./dez. 2022.
- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.
- BRAGA, J. L. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, v. 18, n. 2, p. 1-18, 2015.
- BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo**, n. 10-11, p. 219-236, 2004.
- FRANÇA, V; SIMÕES, P. **Curso básico de Teorias da Comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HU, J.; OKTAVIANUS, J.; ZHU, J. J. H. Is communication a dependent or involuted discipline? A citation analysis of communication publications from 2010 to 2020. **Journal of Communication**, v. 74, n. 1, p. 77-87, 2024.
- MARTINO, L. C. **Escritos sobre epistemologia da comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2017.
- MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação. In: A. FAUSTO NETO; A.; PRADO; J. L. A.; PORTO, S. D. (orgs.). **Campo da Comunicação.** João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 77-89.
- SALGADO, T. B. P.; MATTOS, M. A. Abordagens epistemológicas comunicacionais brasileiras em 20 anos da Compós. In: SALGADO, T. B. P.; MATTOS, M. A. (orgs.). **Percursos Epistemológicos Comunicacionais no Brasil:** 20 anos do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 27-56.
- SALGADO, T. B. P.; MATTOS, M. A. De volta à comunicação: um percurso histórico-etimológico. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 18, n. 32, p. 48-58, 2020.
- SALGADO, T. B. P.; MATTOS, M. A.; SILVA, P. I. R. Histórico da pesquisa teórica em Comunicação na Intercom: metapesquisa do GP Teorias da Comunicação (2011 a 2020). In: SIGNATES, L.; BORGES, R. P. (orgs.). **Centralidade da comunicação:** esforços teóricos e novos cenários comunicacionais. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 85-112.
- SIGNATES, L. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. **Líbero**, n. 36, p. 143-151, 2015.
- TORRICO, E. Por una comunicación ex-céntrica. **MATRIZes**, v. 13, n. 3, p. 89-107, set./dez. 2019.
- VARÃO, R. Notas sobre o mito dos quatro fundadores do campo comunicacional: coisas que ninguém nunca viu antes e pensamentos que ninguém teve. **Líbero**, v. 13, n. 25, p. 77-86, 2010.